

FORMAÇÃO MORAL DOS JOVENS

ALGUMAS REFLEXÕES

Cel. PAULO ENÉAS F. DA SILVA

Há tempos ouvi uma conversa entre dois jovens, os quais, a julgar pelo trato das questões que abordavam, denotavam pertencer a uma escola de formação militar.

Discutiam eles o ambiente em que viviam, Recordava um, enfaticamente, o regime do educandário, acusando-o de insólito e cruel; o outro, mais ponderado, redarguia, afirmando a seu colega que isso era inverdade; que a escola vinha procurando modificar os hábitos de há muito arraigados em nosso meio, encontrando, evidentemente, as maiores dificuldades nessa empreza. O novo sistema, continuava o segundo, impunha-se dados os resultados já obtidos em turmas anteriores.

Dentre os argumentos apresentados pelo segundo interlocutor, recordo-me de um, cujo sentido moral impressionou-me vivamente. Tratava-se da depressão que causara em todos os alunos a imposição, no enxoval, de se trazer — no-tem bem — DOIS CADEADOS E BONS.

A simples lembrança desses objetos repudiava. Recordavam eles uma idéia mesquinha, revoltante, que nivelava a todos com um simples ladrão. O cadeado representa o símbolo da desconfiança, da acusação indistinta, da degradação enfim. Quase todos os jovens haviam discutido o valor moral desse instrumento.

O primeiro de nossos personagens, prêso mais às rotinas gerais, argumentava que nem todos eram do mesmo jaez; nem todos eram fi-

lhos-família; a educação era a mais diversa e, por isso, a medida se impunha. Os bons pagariam pelos maus. O segundo, porém, não se conformava com tal generalização. Alegava que, de sua parte, sentia-se desmoralizado mesmo antes de entrar para a escola; que, com esse padrão de regime, via esboroar-se a grande esperança de um nível moralmente elevado. Seus argumentos eram todos de natureza sentimental enquanto que os de seu companheiro voltavam-se para o campo puramente material e prático.

Essas considerações servem-nos para chamar a atenção dos leitores para o aspecto atual da vida nos estabelecimentos de ensino do país. Não temos em mente uma idéia reformatória. Move-nos simplesmente o desejo de cooperar para a melhoria do sistema educacional. Temos em vista, à luz de fatos e argumentos positivos, desvendar um panorama mais adequado à formação moral de nossa juventude.

Viajando por São Paulo, visitamos alguns estabelecimentos de ensino, civis, cuja direção, entregue a pessoas da mais alta credencial, nos inspirou grandemente no sentido destas considerações. Num deles, de caráter nitidamente universitário, impressionou-nos, sobretudo, a compreensão exata da noção de DEVER, altamente acentuada entre alunos e professores. Alguns detalhes mostrarão a que ponto se pode chegar, desde que se estabeleçam normas sadias de conduta.

No estabelecimento em aprêço, de existência bastante remota, aboliu-se por completo o sistema de fiscalização dos trabalhos dos alunos. Estes vêm-se sempre entregues à própria iniciativa e controle. Os trabalhos que realizam oferecem sistematicamente um cunho pessoal. A competição natural entre eles jamais serviu de pretexto para que usassem recursos duvidosos. A "cola", uma instituição verdadeiramente nacional, foi completamente abolida nesse ginásio. E, diga-se de passagem, a abolição de tão malsinado artifício deve-se não à direção do estabelecimento mas à simples iniciativa dos alunos, graças à uma polícia adequada, existente entre eles e no bom sentido construtivo. Citarei, como exemplo dessa medida, um fato que me foi narrado, por um grupo de alunos e que bem evidencia o valor da providência tomada. Certa vez, durante uma prova, um dos jovens, por se sentir menos preparado para enfrentá-la, julgou de seu direito, à base da liberdade de ação que gosava, consultar um documento alheio ao trabalho, isto é, não permitido pelos mestres. Tal procedimento foi observado por outros colegas que, ao final da prova, fizeram ver ao faltoso sua conduta irregular. Restava-lhe tão somente um pequeno exame de consciência e o resultante "verdictum" — seu pedido de exclusão do meio em que vivia —, e de motu próprio. A medida sugerida não transpirou os domínios escolares. Sua repercussão não fôra além dos muros do estabelecimento.

Não houve comentários. O fato correrá à conta da rotina estabelecida para os casos idênticos. Fizeram-se justiça nos moldes exigidos pelo código de honra firmado entre os alunos.

Um outro caso, de caráter bem elucidativo, embora de natureza um pouco diversa, me foi narrado, ocorrido em outro estabelecimento de ensino, agora de cunho militar. Tratava-se de fato passado numa escola preparatória de nossas forças armadas. O seu diretor, ou me-

lhor, seu comandante, ciente de que entre seus subordinados havia alguns, cuja conduta, muito irregular, destoava do conjunto, sobretudo na vida em sociedade, decidiu tomar uma solução um tanto drástica, principalmente levando-se em conta a mentalidade reinante. Reuniu todos os alunos e apelou para dignidade pessoal de cada um; que não era possível houvesse em uma escola de caráter militar elementos desse jaez; que devia haver engano nas afirmações recebidas; que deixava ao critério de todos o julgamento do caso. Pois bem, dias após, para grande surpresa desse oficial, apresentaram-se a êle dois jovens que lhe pediam fôsem ouvidos em particular. Desejavam participar ao comandante sua condição de culpados e o desejo real de abandonar o estabelecimento.

O corpo de alunos havia tomado a deliberação certa de investigar o caso. Haviam chegado à solução exata. Os resultados foram positivos.

O ensinamento mais evidente de tudo isso é o seguinte: o material humano, que se fornece às escolas, quaisquer que sejam suas condições, é, via de regra, bom. A dificuldade está em saber tratá-lo. Os jovens tem brio. Sua dignidade pode sem bem explorada. As qualidades negativas, sem dúvida, também coexistem, mas face às positivas podem ser anuladas. A questão é saber manejar adequadamente o instrumento que nos entregam. Quantas vezes, e isso ocorre freqüentemente na vida, nos queixamos de que êste ou aquêle material não presta; que o instrumento para o trabalho é de qualidade inferior. O que é mais grave, porém, é que nem sempre o experimentamos para depois julgar de suas boas ou más qualidades. Todo julgamento precipitado é perigoso.

Mesmo em estabelecimento de nível superior, como sóe acontecer com nossas escolas preparatórias, o problema não é somente instruir. É também, e cremos mais importante, de educar. Subtendido nisto

está a condição de formar o caráter do aluno. Geralmente, os jovens se deixam impressionar por questões, às vezes de somenos importância. Outras, deixam-se arrastar por caminhos indevidos. Quase sempre, porém, ou por ignorância ou por má orientação, este último caso mais sério.

Quem comanda uma escola tem por obrigação elementar sentir o coração desses jovens. A todo instante deve conhecer os seus problemas, mesmo aqueles que, à primeira vista, pareçam sem valor. Estes, somando-se, chegam a proporções freqüentemente assustadoras.

Quando uma escola está situada longe, afastando os rapazes do convívio de seus parentes e amigos, os "casos" surgidos são muito mais comuns. A ambientação não se faz com a rapidez que os chefes esperam. Uns, é verdade, não sofrem com este afastamento, por várias razões, umas de ordem sentimental, outras de caráter material. A maioria, entretanto, foge a esta norma.

Eis a oportunidade para se "falar" à alma desses jovens, desper-

tando-lhes o sentimento de solidariedade e do dever. Um apêlo, muitas vezes, senão sempre, vale mais do que a repressão do erro cometido involuntariamente. A punição, no caso de uma falta assim cometida, corresponde mais a formação de um espírito reacionário do que à regeneração do faltoso.

O Código de honra é uma necessidade. Seu valor dispensa qualquer comentário. Nos dias que correm, em que a humanidade se volta mais para o materialismo e para as ideologias exóticas, maior se torna ainda a sua imposição. Ninguém disporá mais de tanto recurso do que este. Mas trata-se de implantar um código consciente, à base de uma doutrinação eficiente, moldada no exemplo do chefe. Sem isto, por mais claro e positivo que se fale, de nada valerá o esforço dispendido. Regressando um pouco ao passado, citaremos a característica da escola socrática: exemplo de saber, de dignidade e de conduta. Tais verdades ainda hoje subsistem e com mais acerto, de vez que as contingências da época em que vivemos mais nos acutilam. Amparemos a mocidade.

B. HERZOG, COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A.

Matriz :

RUA MIGUEL COUTO, 129-131 — TEL. : 43-0890 — RIO DE JANEIRO
END. TELEG. : "BEZOG"

Filial :

RUA FLORENCIO DE ABREU, 318 — TEL. : 3-4114 — SÃO PAULO

Representantes de :

TINIUS — OLSEN TESTING MACHINERY COMPANY EASTON
ROAD — WILLOW GROVE, PA.

Máquinas especiais para verificação de dureza, equilíbrio dinâmico e resistência à compressão, tração e flexão, em todos os tamanhos

Catálogos e especificações à disposição

Solicitamos consultas